TRADIÇÃO

IMAGENS DA CONGADA NA PANDEMIA

TERNO MOÇAMBIQUE ÁGUA BRANCA

ITUJUBA- MG

ORGANIZAÇÃO:
LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES

TRADIÇÃO

IMAGENS DA CONGADA NA PANDEMIA

TERNO DE MOÇAMBIQUE ÁGUIA BRANCA– ITUIUTABA, MG

Editora Culturatrix.
| publicações acadêmicas |

Editora chefe

Rosa Maria Ferreira da Silva

Editor assistente

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib (UFU)

Conselho Editorial

Altina Abadia da Silva (UFCAT)

Eliane Martins de Freitas (UFCAT)

Emília Saraiva Nery (FACEMA)

Euclides Antunes de Medeiros (UFT)

Floriana Rosa da Silva (SRE-MG)

Iara Toscano Correia (UFU)

Helena Maria Ferreira (UFLA)

Luís André Nepomuceno (UNIPAM)

Marcos Antônio de Menezes (UFG)

Miguel Rodrigues de Sousa Neto (UFMS)

Olívia Cormineiro (UFT)

Regma Maria dos Santos (UFCAT)

Remi Castioni (UnB)

Renato Jales Silva Júnior (UFMS)

Ricardo Vidal Golovaty (IFG)

Simone Aparecida dos Passos (UFU)

Tadeu Pereira dos Santos (UNIR)

TRADIÇÃO

IMAGENS DA CONGADA NA PANDEMIA
TERNO DE MOÇAMBIQUE ÁGUA BRANCA– ITUIUTABA, MG

ORGANIZAÇÃO

LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES

| publicações acadêmicas |

Copyright 2021 © Luciane Ribeiro Dias Gonçalves; Roberto Chacur, 2021.
Todos os direitos reservados.

Editora de Publicação: Rosa Maria Ferreira da Silva

Projeto Gráfico e capa: Igor Ferreira

Diagramação: Stúdio Escrita & Criação

Fotografia: Roberto Chacur

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T 763

Tradição: imagens da congada na pandemia: terno de moçambique
Água Branca - Ituiutaba, MG / Organização de Luciane Ribeiro Dias
Gonçalves; Fotografia de Roberto Chacur. – Uberlândia-MG:
Culturatrix, 2021.

Livro Digital
Extensão: PDF
Acesso: Internet
Contém Bibliografia

62 p., fotos.

ISBN: 978-65-86889-13-0
DOI: 10.4322/978-65-86889-13-0

1. Cultura popular - Minas Gerais. 2. Congadas. 3. Religiosidade afro-
brasileira. 4. Ituiutaba-MG. I. Ribeiro Dias Gonçalves, Luciane
(Organizadora). II. Chacur, Roberto (Fotógrafo). III. Título.

CDD 306.98151

Índice para catálogo sistemático

I. Cultura popular - Minas Gerais: Ituiutaba-MG

Editora Culturatrix

Rua Nordau Gonçalves de Mello, 1116, Santa Mônica | CEP: 38 408 218.

Uberlândia, MG. Tel. (34) 3477 0860/ Cel./WhatsApp: (34) 9 9766 8930

CNPJ: 26 896 970/0001-00 |

www.culturatrix.com | contato.culturatrix@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A decorative flourish consisting of elegant, symmetrical scrollwork and swirls that frames the word 'APRESENTAÇÃO'.

OLHANDO FOTOS, OUVINDO TAMBORES

A proposta deste livro é registrar, através de *fotografias*, as atividades realizadas pelo *Terno de Moçambique Águia Branca*, de Ituiutaba- MG, durante o período pandêmico da Covid-19, quando ações de isolamento e distanciamento social tiveram por objetivo assegurar a saúde da população. O registro fotográfico daqueles momentos foi aprovado como metodologia de documentação em dois projetos, ambos selecionados pelo Edital nº 002/2020, referente ao *Concurso - prêmio Ituiutaba de Conexões Culturais – manifestações culturais e audiovisuais*, nos termos do inciso III do artigo 2º da Lei Federal nº 14.017/2020, a Lei Aldir Blanc.

O primeiro projeto, intitulado *O terço de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário: a paga pelo ano de aprendizado e crescimento*, foi apresentado pelo Capitão David Matheus Prudêncio Oliveira de Souza. O projeto enfoca a *Festa em louvor à São Benedito e Nossa Senhora do Rosário*, manifestação realizada tradicionalmente em Ituiutaba, na qual os congadeiros que formam a Irmandade de São Benedito se encontram e também recebem ternos visitantes e convidados. A referida festa lota as imediações da Igreja de São Benedito e a Praça 13 de maio, sendo a maior festa popular de Ituiutaba e expressão genuína de seu patrimônio imaterial de cultura.

Porém, devido à pandemia de Covid19 que eclodiu em março de 2020, a festa que deveria acontecer no mês de maio foi cancelada. Dentro da nova realidade mundial, a Irmandade de São Benedito seguiu as orientações da OMS e da Secretaria de Saúde de Ituiutaba-MG, optando por cancelar o

33° Encontro Regional de Ternos de Congos, Moçambiques, Marujos, Catupés e Marinheiros e, ainda, a 70° Festa em Louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, de Ituiutaba-MG. Os tambores ficaram silenciados. A tristeza se alastrou. Não mais aconteceria a festa que vinha sendo realizada de forma ininterrupta por setenta anos, fortificada como uma tradição geracional, passada de pai para filho.

Por certo, 2020 não foi um ano de completa felicidade e clima festivo. Mas, também não é possível desprezar os aprendizados que o ano nos trouxe. Sob o silêncio de caixas e de tambores, nos encontramos em intenso louvor, realizando pequenos terços e reuniões, cheias de fé e devoção aos santos.

Ao finalizarmos o ano de 2020, quando olhamos para trás compreendemos que temos muito a agradecer por nossa fé e tradição congadeira. Por este motivo, nos servimos da tecnologia e realizamos uma live intitulada *Terço de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário: a paga pelo ano de aprendizado e crescimento*, com objetivo de agradecer de forma participativa e virtualmente, os enfrentamentos à pandemia da Covid 19, rezando, cantando e dançando pelas diversas vítimas da doença e agradecendo pelos sobreviventes.

Quanto ao segundo projeto, intitulado *Madrinhas da Bandeira: particularidades da participação feminina na congada de Ituiutaba – MG*, o mesmo foi apresentado pela madrinha Jéssica Oliveira Paula, para financiamento da Lei Aldir Blanc. A título de justificativa, o projeto observa que no histórico de criação dos ternos de congada existe uma poderosa presença de mulheres negras, protagonizando a fundação dos grupos e, que na atualidade, continuam com a tarefa de preservação da cultura conga.

Estas mulheres guardiãs são o símbolo do projeto *Madrinha da Bandeira*, o qual entende a necessidade de priorizar a presença feminina congadeira nos grupos. A partir da cosmovisão africana, foi possível ressaltar a presença das guardiãs no congado, buscando dar visibilidade às suas ações

na transformação social. Neste sentido, elegeu-se a figura da “madrinha de bandeira” como o principal aporte para essas discussões. O projeto *Madrinha da Bandeira* foi realizado através de atividades presenciais e virtuais. A atividade presencial contemplou uma Roda de Conversa entre as madrinhas de bandeira dos ternos de congada de Ituiutaba, de forma presencial, seguindo todas as normas da Organização Mundial de Saúde e, ainda, as recomendações municipais da Secretaria de Saúde de Ituiutaba. Já a atividade virtual, foi desenvolvida na forma de um webinar intitulado *Madrinhas da Bandeira: particularidades da participação feminina na congada*. Nesta oportunidade foram convidadas madrinhas de bandeira de outras cidades para compartilhar suas experiências na atividade da congada.

O projeto *Madrinha da Bandeira* procurou divulgar a presença feminina na cultura da congada, criando espaços de articulação e destacando a resistência e resiliência das mulheres negras congadeiras. Desta forma, iluminou as tessituras que interligam lutas, histórias e memórias das matriarcas das quais somos frutos.

O registro fotográfico das atividades presenciais desenvolvidas em ambos os projetos compõe o presente livro. Mas, por que um livro de fotos?

Antes de mais, advertimos que este não é um livro com fins acadêmico-conceituais, no sentido estrito do termo. Contudo, não deixa de sê-lo também. A intenção da proposta é de usar a fotografia como motivação para conhecer um pouco da cultura da Congada, em especial do *Terno Moçambique Águia Branca*. Por concordarmos com Rossi (2003), entendemos que a imagem possui grande valor na sociedade atual e que elas falam por si:

Debray (1993) conta que, certa vez, um imperador chinês pediu ao pintor da corte para apagar a cascata que havia pintado na parede do palácio, porque o ruído da água não o deixava dormir. Parece que, desde sempre, a imagem teve o poder de se impor a nós. Ela

nos seduz por sua própria presença; já a palavra pressupõe uma linearidade na sua leitura. A palavra evoca algo que está ausente; a imagem é (já) presença aqui e agora. (ROSSI, 2003, p. 9).

A vivacidade que a fotografia e as imagens podem ter, é o motor deste trabalho. O exemplo apresentado por Rossi dimensiona as possibilidades da foto em materializar momentos que julgamos importantes. Assim, pode-se ir muito além da imagem apresentada, ampliando a captação sensorial e simbólica. Por isso, o convite que oferecemos é através das fotos, “ouvir” tambores.

As fotografias fornecem um testemunho. Mas, como via de mão de dupla, são também produto de criação de quem registra (o fotógrafo) e de quem as vê. O fotógrafo responsável pelos registros foi Roberto Chacur. Através das suas lentes este artista nos permite a observação do *Terno Moçambique Águia Branca* na sua simplicidade, oferecendo elementos visuais para que as histórias continuem sendo contadas.

Projetos audaciosos como estes sempre têm parceiros envolvidos. Agradecemos inicialmente à *Fundação Cultural de Ituiutaba*, que por meio de edital público viabilizou o financiamento das propostas que culminaram neste registro. Foi fundamental a participação do *Núcleo de estudos afro-brasileiro e indígena do Pontal* (Neabi Pontal) e do *Núcleo de estudos e pesquisas em Educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas* (Nepere) da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. Também agradecemos à empresa de produção *Julião Eventos* que colaborou com a parte logística dos eventos.

Por fim, lembramos que as fotos apresentadas neste livro possuem uma ordem pré elaborada. Porém, nada impede a quem as observa de criar a sua própria ordem para visitar as fotografias, reelaborando a narrativa visual. Da mesma forma, foram convocados alguns/as pesquisadores/as que se debruçam sobre as questões da Congada para que pudessem colaborar com as explicações resumidas de cada seção do livro, participando da narração. Cada parte é, assim,

inaugurada por uma epígrafe que busca relacionar estudos teóricos com as fotos. Desfrutem.

Prof. Dr.^a Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Universidade Federal de Uberlândia

Fundado no ano de 1994, o Terno de Moçambique Águia Branca foi criado através da iniciativa dos irmãos Maurício Prudêncio de Souza (falecido), Maurílio do Nascimento de Souza (Nilo) e Eurípedes Francisco Pereira (Pipa) que, apoiados pela mãe Rosária Esperança de Souza, realizaram um antigo desejo da família. O Terno tem como Conselheiro Fundador o Sr. Agenor Prudêncio do Nascimento que, aos 87 anos, é o único dos 12 apóstolos (ver Irmandade de São Benedito: a realização de um antigo sonho) vivo que atua junto à Irmandade, que é avó dos irmãos citados acima.

As cores do terno são azul, branco e rosa, inspiradas nas cores dos ternos que já existiam na cidade. O estandarte é azul e branco. Assim como os demais ternos, o Moçambique Águia Branca é composto, em sua maioria, por pessoas de uma mesma família. Os dançadores usam calças brancas, camisas de cetim em tom azul escuro, faixas cor-de-rosa entrelaçadas ao corpo e chapéus coberto em tecido, ornado em paetês, lantejoulas e marabu. O terno possui 80 elementos que em sua grande maioria possuem laços de parentesco. A origem do nome do terno, segundo o 1º capitão Maurílio, está ligada ao Orixá Caboclo Águia Branca (NAVES e KATRIB, 2009, p. 7)

As congadas, congados ou reinados,
existem em praticamente todo estado de Minas
gerais, além de Goiás, São Paulo e Paraná.

Através de cortejos reais dos reis e rainhas
congos, as festas tomam as ruas das cidades,
com danças, músicas e a devoção aos diferen-
tes santos católicos. Muitos grupos se organi-
zam em irmandades negras de Nossa Senhora

do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito

(MONTEIRO, 2016, p. 36).

“Penso tradição no contexto do movimento que produz um continuo recomeçar a partir de um tempo e um lugar em que a mesma se encontre vinculada a uma prática cultural. A tradição pode, enquanto representante de uma memória fixada em determinado tempo histórico, permanecer por gerações e sobreviver a transições sem desaparecer, mantendo sua condição de existência, modificando-se com o tempo, mas não perdendo seus pressupostos de maneira abrupta, isso caso esteja alicerçada numa rede familiar congadeira, por exemplo”.

(BRASILEIRO, 2012, p.30).

TRADIÇÃO e ANCESTRALIDADE

“Às mães e avós sábias e guerreiras, e inúmeras outras mulheres que generosamente me sustentam no seio de seus saberes e afetos. Aprendo com elas a cultivar a resiliência e a coragem, traduzindo-me a concepção de ser mulher, baseada em raízes ancestrais. É revigorante saber que “nossos passos vêm de longe” e que resiliência é um dos adjetivos que mais nos cabe. Por isso tudo, eu agradeço à espiritualidade que me sustenta e fortalece a cada dia.”

(SILVA, 2018, p.5)

DONA ROSÁRIA

As crianças começam a tocar
muito cedo. São construídos peque-
nos tambores tocados pelas crian-
ças de colo, inclusive, que
acompanham as guardas sendo le-
vadas pelos seus pais, avós, primos
e tios. Elas acompanham o ritmo
em suas pequeninas caixas. Aque-
las que já andam sozinhas podem
ser vistas tocando e tentando seguir
os passos dançados, descobrindo os
tempos de tocar e dançar
(SIMÕES, 2017, p. 186)

CRIANÇAS

“De uma maneira geral, os integrantes dizem
que aprendem a música do congado olhando os mais experientes.
A maior parte dos integrantes entraram no congado muito jovens, ainda crianças, mas normalmente se lembram de toda a sua trajetória e de quais foram os instrumentos pelos quais aprenderam a tocar aquela música.”

(PEREIRA, 2011, p.111).

INSTRUMENTOS

“O racismo, sendo um código ideológico
que toma atributos biológicos
como valores
e significados sociais, impõe ao negro
uma série de conotações negati-
vas que o afetam social e subjeti-
vamente. No entanto, no
movimento dialético das relações
sociais, a ação do racismo sobre
os negros resulta em formas vari-
adas, sutis e explícitas de reação e
resistência. Nesse contexto, o ca-
belo e a cor da pele podem sair do
lugar da inferioridade e ocupar o
lugar da beleza negra, assumindo
uma significação política. Esse é
mais um dos motivos pelos quais
consideramos que a escola deve
superar os preconceitos em rela-
ção à estética negra”
(GOMES, 2002, p. 49)

CABELOS

“Chegada a hora, o capitão usando seu apito convocou os dançadores e presentes para se posicionarem ao lado de um altar improvisado, com a imagem da santa estampada na bandeira a ser hasteada. Houve a reza do terço- ora cantado, ora falado, pedidos de proteção aos presentes; para a realização de uma boa festa, pela saúde de todos. Terminada a reza, mais uma vez, o capitão conclamou os dançadores, por meio de um apito, a pegarem seus instrumentos”

(KATRIB, p. 102-103)

CAPITÃES

“Os entendimentos e encaminhamentos dos problemas gerados no cotidiano dos quartéis de terno são compartilhados com as mulheres, elas ajudam seus maridos capitães na condução do terno e também na complementação dos ganhos familiares. A sua participação representa ampliação das possibilidades de ganhos monetários e de se ter alguém que responda pelo terno na ausência do capitão, afirmando uma liderança familiar” (KINN, 2006, p. 64-65)

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Jeremias. *O ressoar dos tambores do congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas*. Uberlândia, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, set/out/nov/dez 2002. p. 40-51.

KATRIB, Cairo Mohamad. *Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do congado na Festa de louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão – GO – 1940-2003)*. Brasília, 2009.

KINN, Marli Graniel. *Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia – MG*. Dissertação, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.

NAVES, Fernanda Domingos; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Cultura, identidade e religiosidade: mapeamento e reconstrução histórica dos ternos de congado da cidade de Ituiutaba – MG. In: *IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação científica UFU*, 2009.

MONTEIRO, Livia Nascimento. *A congada é do mundo e da raça negra: memórias da escravidão e da liberdade nas festas de congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873-2015)*, 2016. Tese doutorado – Universidade Federal Fluminense.

PEREIRA, André Luiz Mendes. *Um estudo etomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do distrito do Rio das Mortes*.

São João del-Rei, MG, 2011. Dissertação de mestrado em música – UFMG.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SILVA, Ishangly Juana da. *Saberes e fazeres de mulheres negras: construção e manutenção da cultura em um terno de congada do Triângulo Mineiro*, 2018. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Federal de Uberlândia. ICHPo, Pedagogia.

SIMÕES, Mariana Emiliano. Corpo-tambor: corporeidade Negra no reinado mineiro. *Rebento*, São Paulo, n.6, p. 179-202, maio 2017.

BIODATA

LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2011) - UNICAMP, mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2004) e graduada em Matemática pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1987), graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1997). Atualmente é professora adjunta do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Contato: luciane21dias@gmail.com

ROBERTO PAUL CHACUR. Fotógrafo. Natural de Uberlândia, iniciou na fotografia em 1984 em uma rede de laboratório especializada em fotografia. De 1987 à atualidade, dedicou-se à diversos projetos e perspectivas fotográficas, nas quais se incluem fotojornalismo, fotografia publicitária e cinema. Com um amplo portfólio acumula 18 prêmios nacionais que o faz um dos mais respeitados fotógrafos do mercado mineiro de publicidade e foto autoral.

Contato: chacur@robertochacur.com.br

Sobre o Ebook

Formato: Digital

Suporte: PDF

Capa: Duo color

Miolo: Preto e branco; Cor

Tipografia: Palatino Lynotype | Atlane

A PROPOSTA DESTE LIVRO É REGISTRAR, ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS, AS ATIVIDADES REALIZADAS PELO TERNO DE MOÇAMBIQUE ÁGUIA BRANCA, DE ITUIUTABA- MG, DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19, QUANDO AÇÕES DE ISOLAMENTO E DISTANCIAMENTO SOCIAL TIVERAM POR OBJETIVO ASSEGURAR A SAÚDE DA POPULAÇÃO. O REGISTRO FOTOGRÁFICO DAQUELES MOMENTOS FOI APROVADO COMO METODOLOGIA DE DOCUMENTAÇÃO EM DOIS PROJETOS, AMBOS SELECIONADOS PELO EDITAL Nº 002/2020, REFERENTE AO CONCURSO -PRÊMIO ITUIUTABA DE CONEXÕES CULTURAIS — MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E AUDIOVISUAIS, NOS TERMOS DO INCISO III DO ARTIGO 2º DA LEI FEDERAL Nº 14.017/2020, A LEI ALDIR BLANC.